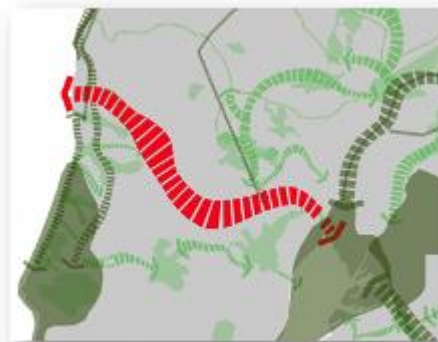


Corredor Tejo – Litoral

Tipo: Corredor Estruturante Primário da Rede Ecológica Metropolitana, Corredor Estruturante Secundário da Rede Ecológica Metropolitana e Área Estruturante Secundária da Rede Ecológica Metropolitana

Concelhos: Vila Franca de Xira, Loures e Mafra



Descrição geral: Estabelece a ligação entre o estuário do Tejo, na sua zona mais a montante (entre os mouchões da Póvoa e do Lombo), e o litoral em São Julião/Ribamar.

Atravessa toda a unidade territorial da área metropolitana de Lisboa designada por Interior Norte Agrícola. Esta unidade constitui um extenso espaço agrícola, com continuidade na sub-região Oeste, apresentando uma configuração de relevo e de sistema de culturas agrícolas e florestais que lhe dá características próprias, possuindo áreas de elevado interesse paisagístico (paisagem «saloia» tradicional de Lisboa e seu termo). A ocupação agrícola e pecuária tem condições para se manter, existindo uma tradição na oferta de alguns produtos de qualidade como o vinho, as hortaliças e os queijos.

Junto ao litoral este corredor coincide com uma área estruturante secundária associada ao Rio Safarujó/Rio do Sobral. Junto ao estuário do Tejo, este corredor de nível estruturante coincide com um pequeno corredor secundário da estrutura ecológica regional que liga a várzea de Vialonga ao estuário do Tejo, atravessando o aglomerado de Forte da Casa.

No seu traçado, este corredor passa por vários aglomerados, nomeadamente, Forte da Casa, Verdelha do Ruivo, Casal Fonte Santa e Santa Eulália, no município de Vila Franca de Xira; Fanhões, Casinhos, Malhapão, Bairro Novo Casal da Serra, Murteira, Salemas, Torre dos Trotes, Ponte de Lousa, Carrasqueira, Torre Pequena e Carcavelos, no município de Loures e Bocal, Montemuro, Santo Estevão, Galés, Vale de Uge, Avessada, Quintas, Carrasqueira, Casal Moinhos, Arrifana, Casal Novo de Cima, Codegal, Murgueira, Poço da Serra, Changa, Barreiralva, Sobral da Abelheira, Casal da Mangancha, Caneira, Picanceira de Cima, Picanceira, Montegodel, Lagoa, Bracial, Marvão, Ribamar, São Lourenço e Casais de São Lourenço, no município de Mafra.

Atravessa importantes áreas de valores naturais como sejam os vulcões de Lisboa e a Tapada e vales de Mafra.

O território associado aos vulcões de Lisboa tem por limites aproximados, a oriente a povoação da Malveira e a ocidente a povoação de Alverca. Nesta região ocorrem várias estruturas vulcânicas, com interesse petrológico e geomorfológico que justificam aliás a designação de “vulcões” atribuída ao sítio. É representativo de alguns dos mais importantes cones e agulhas vulcânicas da região de Lisboa.

A matriz da paisagem vegetal é extremamente diversificada, ocorrendo numerosas comunidades vegetais espontâneas e seminaturais, nalguns casos integrantes de elementos arbóreos muito antigos. Neste território impera o ambiente serrano e nos diversos cenários paisagísticos destacam-se as vertentes de pendor e extensão acentuadas, orientadas segundo múltiplos ângulos geográficos. Em particular os cones vulcânicos elevam-se a grandes cotas altimétricas salientando-se no horizonte visual e gerando ambientes microclimáticos específicos. A grande bacia de captação determina o grande número de linhas de água, nalguns casos com carácter torrencial, noutras porém permanentes e luxuosamente guarnecidas por freixiais e salgueirais.

Evidenciam valores muito diversificados do ponto de vista florístico, integrando vegetação das formações calcárias, matos acidófilos, vegetação típica de zonas húmidas e atlânticas e bosques nos vales profundos, com predominância de carvalhos e loureiros. Ocorrem várias espécies incluídas nos anexos da Directiva Habitats, bem como outras espécies raras e endémicas, onde se destacam *Allium pruinautum* e *Avenula sulcata* subsp. *occidentalis*, que se encontra no seu limite setentrional de distribuição. Encontram-se também várias espécies características de zonas mais húmidas de carácter atlântico, como *Cheirolophus uliginosus*, *Cirsium filipendulum* ou *Erica ciliaris*. Destaca-se ainda a presença de bosques, essencialmente em vales profundos, com uma combinação assinalável de várias espécies de carvalhos, como *Quercus faginea* subsp. *broteroi*, *Q. pyrenaica*, *Q. suber*, *Q. rotundifolia* e algumas formas híbridas, ocorrendo em subcoberto importantes formações de loureiros (*Laurus nobilis*). Do ponto de vista faunístico há a destacar a presença do lagarto-de-água, espécie ibérica endémica.

É uma área de grande valor do ponto de vista geológico, integrando dois Sítios Classificados: Campo Lapiás de Negrais e Campo de Lapiás da Granja de Serrões.



A Tapada Nacional de Mafra foi criada no reinado de D. João V, após a construção do Convento de Mafra, como parque de lazer para o Rei e a sua corte. Possui 819 ha integralmente protegidos por um muro histórico com 21 quilómetros, num espaço ocupado quase na totalidade por um manto verde onde coabitam em liberdade populações de animais selvagens. Além disso, há uma grande variedade de flora no

perímetro da Tapada. (Site da CM de Mafra)

A flora da Tapada de Mafra, que se modificou ao longo dos tempos, contempla espécies como o sobreiro,

o pinheiro-manso e diferentes variedades de carvalhos, para além de muitos tipos de arbustos. Pelo menos três exemplares foram classificados como Árvores de Interesse Público: um castanheiro-da-índia; uma oliaia com aproximadamente 120 anos; e um sobreiro com cerca de 300 anos. (Site da CM de Mafra)

Quanto à fauna, as aves são dos grupos mais representativos da Tapada Nacional de Mafra. Podemos encontrar exemplares de águia-de-bonelli, bufo-real, açor e águia-cobreira, para além de espécies de porte mais pequeno. Nas áreas junto às ribeiras, encontramos salamandras, rãs, cágados e várias espécies de cobras. Quanto a mamíferos existem, entre outros, gamos, veados, javalis, texugos e raposas. (Site da CM de Mafra: ver mais [aqui](#))

A área designada Vales de Mafra inclui as bacias do rio Lizandro, ribeiras de St.º Isidro e do Sobral, e ainda a zona da Tapada de Mafra, de onde estes cursos de água derivam. Esta área apresenta um relevo fortemente acentuado, com declives superiores a 30% nas zonas de cabeceira, desenvolvendo-se entre os 360m e o nível do mar.

Este local focaliza a conservação de comunidades vegetais fundamentais pela sua sensibilidade e pequena resiliência e resistência. Trata-se concretamente dos bosques de carvalhos e formações boscosas, nalguns casos associados a formações florestais com interesse económico, designadamente pinhais. As vertentes muito inclinadas e expostas a Norte destes vales – umbrias – integram as condições essenciais para a manutenção e fácil regeneração das comunidades destes ecossistemas. Contribuem para isso a abundância de água dos solos das vertentes e o carácter agreste dos respetivos pendores. Sendo vales profundos com a respetiva foz abrindo-se diretamente no mar, estes vales funcionam como canais de propagação para terra de massas de ar húmido marítimo, especialmente importantes para a hidratação da vegetação durante o Verão e princípio do Outono.

Embora ainda incompletamente conhecidos do ponto de vista botânico, nos Vales de Mafra reúne-se um vasto conjunto de comunidades sucessionais ricas em elementos importantes para a conservação designadamente *Ulex densus*, *Silene longicilia*, *Ruscus aculeatus*, *Prunus spinosa* subsp. *institioides*, *Rumex intermedius* subsp. *lusitanicus*. Apesar do regime essencialmente torrencial destas ribeiras, existem troços particularmente bem conservados, com interesse florístico.

A estrutura ribeirinha, constituída por um lado por zonas com vegetação ripícola (mata ripária ou arbustiva) e por outro lado por áreas agrícolas com muretes de pedra, potencia a ocorrência de uma fauna relativamente diversificada. Destaca-se o lagarto-de-água, espécie exclusiva destes meios ribeirinhos, endémico da península ibérica. Apesar de a área ser considerada como habitat pouco adequado, fragmentado e degradado para a espécie, ela tem nesta região o limite sul, do continuum das populações litorais, isoladas geneticamente.

As fragas interiores de alguns destes vales potenciam a ocorrência de aves com interesse conservacionista, nomeadamente aves de cariz rupícola que utilizam alguns troços mais alcantilados dos vales como áreas potenciais para nidificação. Destaca-se neste caso o bufo-real, rapina nocturna. A

águia-de-bonelli nidifica na Tapada de Mafra, sendo um dos poucos sítios onde esta situação ocorre na área metropolitana de Lisboa. Algumas destas ribeiras costeiras têm valor significativo para a boga-portuguesa, endemismo lusitano de distribuição restrita.

Fonte da imagem: Site da CM de Mafra